

HISTÓRICO DA IMAGEM DE NOSSA SENHORA BOA MÃE

Ir. Rafael Ferreira Júnior

“Uma devoção terna e filial por vossa boa Mãe vos anime em todo o tempo e em todas as circunstâncias. Tornai-a amada por todos, tanto quanto vos for possível” (Champagnat).

O povo cristão desenvolveu, ao longo dos tempos, diferentes e variadas formas de se referir à Maria, Mãe de Jesus. Para uns ela é a Senhora de Aparecida, de Guadalupe, da Piedade e da Conceição; para outros, é a Virgem de Nazaré, de Fátima, da Penha e de Caravaggio. Para todos, ela é a Mãe amorosa, de mil nomes, de tantos lugres, rostos e cores.

Também os Maristas têm sua forma particular de invocar Maria, herdada de São Marcelino Champagnat, seu fundador. Para ele, Maria era “recurso habitual”, “primeira superiora”, “mãe comum” e, especialmente, “Boa Mãe”, que, segundo Strobino (2011, p.2),

É o título mais frequente na caneta de Marcelino Champagnat, título que passou a ser a invocação mariana mais popular e difundida na grande família dos Irmãos e leigos maristas. A expressão é repetida 14 vezes em suas cartas. Em alguns casos o pronome “nossa” é colocado antes do título.

A vida do Pe. Champagnat está amplamente ilustrada por exemplos que atestam que ele fez a experiência de ser pessoal e profundamente amado por Maria. Ela o amou por meio das pessoas que acompanharam seu desenvolvimento humano, espiritual e intelectual; ela o sustentou e encorajou em momentos difíceis e decisivos de sua trajetória como vocacionado, sacerdote e fundador; ela foi sempre uma presença misteriosa e, ao mesmo tempo, sensível em sua história, particularmente em seu ministério à frente do Instituto Marista. Ele acreditava que era amado por Maria e por isso, quando desafiado pela vida, foi capaz de ir mais longe do que seus pés pareciam poder alcançar. A consciência de suas limitações pessoais, aliada à sua fé, o levava a afirmar que *“Maria, nossa Boa Mãe, cuida muito bem de nós. Ela bem sabe que nós somos pouca coisa para sustentar uma luta”*. Ele sabia que era carregado nos braços de sua terna e Boa Mãe.

Uma estátua para significar a bondade de uma mãe

Hoje, no Instituto Marista, o título de Boa Mãe está associado a uma estátua de Maria que pertenceu ao Pe. Champagnat. Trata-se de uma bela e expressiva imagem amplamente conhecida e apreciada entre os Maristas, o que faz dela, atualmente, o principal e mais querido símbolo mariano herdado do Fundador.

Feita em gesso policromado, medindo cerca de 75 cm, a estátua representa Maria com Jesus, ainda bebê, em seus braços, chupando o dedo indicador. Não se sabe ao certo como ele a adquiriu. Teria comprado ou ganhado como um presente, talvez de ordenação sacerdotal? Possivelmente jamais saberemos com exatidão. Contudo, evidências históricas fazem crer que se tratava de uma imagem pela qual o Fundador tinha um apreço todo particular. De fato, fontes documentais bastante credíveis dizem que ele a conservava em seu quarto, na casa de La Valla, portanto ainda nos primeiros anos de fundação do Instituto Marista. É o que podemos ler na Vida¹:

¹ 2ª parte, cap. 7, p. 314



“...para satisfazer sua devoção, ergueu no quarto um altazinho, com a imagem da Virgem, e aí, em todas as horas do dia, dirigia-lhe fervorosas preces, permanecendo até muito tempo prostrado a seus pés.”²

Essa estátua de Maria é cópia da original que se encontra num altar da catedral de Rouen, na Normandia (França), onde ela é invocada como *Nossa Senhora do Voto*. Esculpida por Félix Lecomte, foi doada à catedral de Rouen por volta de 1775 pelo cardeal-arcebispo Dom de la Rochefoucauld. A escultura, de alto valor artístico, inspirava a piedade dos fiéis, o que a tornou muito popular na França, sobretudo no século XIX, quando foram feitas incontáveis cópias dela, uma das quais foi adquirida por Marcelino Champagnat. De acordo com Lanfrey (2012, p.64),

A Virgem do Voto, de Rouen, é uma estátua de mármore de tamanho normal (cerca de 1,60m) colocada hoje na capela Santa Margarida, uma das numerosas capelas laterais da nave da catedral de Rouen, na Normandia. Ela repousa sobre um cubo de pedra colocado sobre um altar em lugar do tabernáculo, sobre o qual está gravada a fórmula: “*Nostra clemens, accipe vota*” (Nossa clemência, recebe os votos). Essa inscrição confirma o nome tradicional dado à estátua: “a Virgem do Voto”.

E nem todas as gerações a proclamaram bem-aventurada

A história da imagem da Boa Mãe guarda nuances interessantes e mesmo surpreendentes. Tendo sido adquirida por Champagnat, ainda em La Valla, acompanharia, alguns anos mais tarde, a construção da casa de L’Hermitage (1824-1825), presidindo o altar da capela do bosque, onde a comunidade celebrava a Eucaristia todas as manhãs, antes de iniciar as obras. Sabe-se que após a transferência da sede geral do Instituto para a nova casa, em Saint Genis-Laval, em 1858, ela foi confiada aos cuidados do Ir. João Batista Furet, que a conservava em seu quarto. É, portanto, um símbolo da fé que marcou, essencialmente, a relação do Fundador e dos primeiros Irmãos com Maria, mas também uma testemunha ocular das origens do Instituto Marista, por meio da qual grande parte de sua história pode ser recordada.

Quando os Irmãos foram expulsos da França pelas leis anticongreganistas do início do século XX, essa estátua foi exilada com eles. Embalada e levada para a nova sede administrativa do Instituto, em Grugliasco, Itália, voltaria mais tarde, em 1939, para Saint Genis-Laval. Alguns anos depois, em 1960, seria levada para a nova casa geral, em Roma, onde continuou esquecida nos arquivos, em meio a outros itens históricos do Instituto. Entre transferências, fugas e exílios, sua lembrança foi completamente apagada da memória marista.

Ela permaneceu escondida e desconhecida por décadas, até que em 1982, um brasileiro, o Irmão Francisco das Chagas Ribeiro, então residente na casa geral, a encontrou, por

² O Ir. Francisco Rivat faz alusão a essa estátua quando elabora, nos Anais de l’Hermitage, o inventário de “Pertences que serviram ao Pe. Champagnat, que estão na casa-mãe de St Genis-Laval” [...] “No quarto ocupado pelo caro Ir. João Batista: 1º o crucifixo diante do qual o bom Pe. Champagnat rezava; 2º a estátua da Santa Virgem que ele tinha no seu quarto em Lavalla; o menino Jesus está deitado nos braços de sua mãe, com o indicador na boca”.

acaso, no setor de arquivos institucionais. Questionado sobre as circunstâncias da descoberta, ele assim se expressou:

“Eu a descobri em cima de um armário de ferro, coberta por um pano, nos arquivos gerais. Chamei o Ir. Agustín Carazo, que era Postulador Geral, e a levamos a um especialista, que a limpou. Foi, então, levada para a sala do secretário geral e depois para a capela do Conselho Geral, onde ainda se encontra”.

Entre meias e métodos contestados uma imagem salvou a unidade marista

Felizmente, na base da estátua estava fixada uma legenda com uma inscrição que seria o primeiro elo entre aquela imagem de Maria, Champagnat e a primeira geração de Irmãos Maristas, evidenciando, assim, seu grande valor histórico e espiritual para o Instituto. Mesmo desgastado pelo tempo, o papel estava quase completamente conservado, permitindo ver com nitidez uma frase, escrita em francês, que dizia: “*C’est devant cette statue que la question des bas de drap a été tranchée dans la chapelle de L’Hermitage en 1829*” (Foi diante desta estátua que a questão das meias foi decidida na capela de L’Hermitage em 1829).

O Ir. João Batista Furet, biógrafo do Fundador, relata, com riqueza de detalhes, o fato mencionado na base da estátua. A origem do problema estava numa decisão de Champagnat que, a princípio, não agradou a boa parte dos Irmãos: ele mudou o método de alfabetização usado nas escolas maristas e determinou que as meias de pano continuassem a ser usadas por todos como parte do hábito religioso vigente no Instituto. Foi o suficiente para gerar uma das situações mais traumáticas das origens maristas, pois dividiu a comunidade e colocou o Fundador e não poucos Irmãos em lados opostos. Furet, no capítulo 16 (1ª parte) da Vida, fala em *rebeldia, facção dentro da comunidade e revolta contra Champagnat*. A situação se agravou a tal ponto que parecia insuperável, comprometendo a unidade dos Irmãos entre si e com o Fundador, e mesmo o futuro do Instituto.

Quando nada mais parecia poder ser feito para sanar a grave cisão no seio da comunidade, alguns Irmãos, comovidos com a situação, procuraram Champagnat e pediram que ele interviesse rápida e energicamente para solucionar o problema. O padre, então, pede um tempo para rezar e pensar no que poderia fazer. Mais tarde, chamou esses Irmãos e lhes deu instruções bem precisas sobre como poderiam ajudá-lo na intervenção que pretendia realizar: eles deveriam preparar um altar especial na capela da casa, bastante iluminado com velas, no qual colocariam uma imagem de Maria. Tudo teria de ser feito em segredo e a capela deveria ficar fechada à chave até a hora da oração noturna. E assim foi feito.

Os Irmãos que não sabiam da orientação de Champagnat ficaram muito impactados ao verem o altar. A curiosidade tomou conta de todos. A primeira parte do plano alcançara pleno êxito. Terminada a oração, Champagnat se colocou de pé e um Irmão leu uma mensagem dirigida a ele, na qual prometia, em nome dos demais, obediência e adesão às suas orientações até aquele momento contestadas na comunidade. O padre, então, os chama para perto do altar de Maria: “*Bom! Os que optarem por ser bons religiosos e autênticos filhos de Maria, venham aqui para o lado de sua divina Mãe*”. Foram feitos três apelos similares, ao final dos quais apenas os dois líderes da revolta permaneceram sentados em seus lugares, enquanto os demais Irmãos estavam reunidos ao redor do altar

de Maria. Ambos foram mandados embora no dia seguinte. A paz havia retornado à comunidade, e a unidade dos Irmãos em torno a seu líder havia sido restaurada.

Era a estátua de Maria, hoje conhecida como Boa Mãe, que presidia, por desejo de Champagnat, aquele pequeno altar, inesperadamente montado na capela de L'Hermitage. O fato de ter sido ela a escolhida dentre as várias imagens de Nossa Senhora que havia na casa, não deve ser interpretado como algo casual. O Fundador sabia da gravidade do problema que estava enfrentando. Sua intervenção deveria ser enérgica, mas também carregada de um simbolismo comovente. Portanto, não poderia ser outra imagem de Maria a compor aquela cena de ares teatrais, mas uma que era conhecida e querida pela comunidade. Certamente a *Virgem do Voto* foi a escolhida por ser o rosto mariano mais próximo, afetivo e amado pelo padre Fundador, mas também pelos Irmãos.

De Virgem do Voto à Boa Mãe: a emergência de um antigo símbolo marista

Enquanto sucessivos estudos eram feitos para confirmar a autenticidade da recém encontrada relíquia das origens maristas, a estátua era confiada a um restaurador profissional, para que fizesse as intervenções que julgasse necessárias. Ao verificar seu bom estado de conservação e a beleza de sua policromia, ele concluiu que apenas uma limpeza geral e alguns pequenos reparos eram suficientes para reabilitá-la. A estátua, ao voltar para a casa geral, estava com suas cores e beleza ainda mais realçadas. Desde então nenhuma intervenção invasiva foi realizada na obra, o que nos leva a crer que, tendo guardadas suas características originais, ela seria, ainda hoje, facilmente reconhecida por Champagnat.

O próximo passo seria apresentar a imagem ao Instituto. Mas, para tanto, era preciso ainda dar-lhe um nome. “Rebatizá-la” com o afetuoso título de Boa Mãe parecia o mais sensato a ser feito, pois, como se sabe, era assim que Champagnat mais gostava de se referir à Maria, Mãe de Jesus. Logo que fotos, postais e cartazes da imagem começaram a ser divulgados, houve grande interesse por parte dos Maristas, o que a tornou muito popular no Instituto.

Duas características pareciam chamar mais a atenção na imagem: 1) o Menino Jesus, que é representado dormindo nos braços de Maria, com o gesto tão infantil de chupar o dedo; 2) a forma realista e despojada com que Maria é representada, o que realça sua feminilidade e beleza. O conjunto formado por mãe e filho evoca humanidade e ternura, atributos que, aliados à beleza estilística da imagem, continuam atraindo a atenção de quantos têm oportunidade de ver a “Boa Mãe dos Maristas” (ou alguma reprodução sua).

Hoje, a imagem da Boa Mãe, tão amada por São Marcelino Champagnat e pela primeira geração de Irmãos Maristas, está exposta na capela do conselho geral do Instituto, em Roma. Ali ela continua atraindo, comovendo e inspirando a todos quantos a visitam e veneram.

Amplamente conhecida como Boa Mãe em todo o Instituto Marista, essa imagem mariana tem atraído cada vez mais a admiração das pessoas para além do meio marista. No Brasil, por exemplo, já há comunidades eclesiais e grupos de oração que a adotaram como sua

padroeira³. Também já é possível adquirir cópias dela em forma de estátuas no mercado religioso nacional.

Boa Mãe: um símbolo que dá rosto à Igreja

A Igreja sempre valorizou e promoveu a arte como forma de comunicar a mensagem evangélica e os valores cristãos aos povos. É fato que uma imagem, sobretudo se religiosa, encerra um sentido mais profundo do que o próprio objeto em si. Essa compreensão foi admiravelmente sintetizada por São João Damasceno quando assim se expressou: *“A beleza e a cor das imagens estimulam a minha oração. É uma festa para os meus olhos, tanto quanto o espetáculo do campo estimula meu coração a dar glória a Deus”*.⁴

Que mensagem os Maristas acreditam que a imagem da Boa Mãe lhes comunica? Talvez nos contornos de seu rosto de mulher e mãe eles vejam delineado o modelo de Igreja em que acreditam e buscam promover por meio de sua ação pastoral e, sobretudo, pela forma como vivem e agem no mundo. Sim, para os Maristas de Champagnat a Igreja tem um rosto, e ele é mariano!

Tendo o Menino Jesus abrigado em seus braços maternos, a Boa Mãe resgata a imagem de uma Igreja feminina, bondosa e acolhedora, que quer abraçar e proteger a todos os irmãos e irmãs de Jesus, que também são seus filhos e filhas. Misericordiosa, esforça-se por ser capaz de abraçar os diferentes e respeitar sua forma de ser, pensar e agir. Inclusiva, valoriza a contribuição de todos os homens e mulheres de boa vontade na edificação do Reino de Deus no mundo. Uma Igreja de rosto mariano, que conhece suas fragilidades e limitações, mas, sobretudo, é consciente da grandeza da missão que lhe foi confiada para o bem da humanidade: o anúncio de Jesus Cristo e de seu Evangelho.

A exemplo de São Marcelino Champagnat, é em Maria que os Maristas veem o protótipo essencial da Igreja, e é em seus braços que vão buscar a Jesus: *“Maria, sim, só Maria é nossa prosperidade; sem Maria não somos nada e com Maria temos tudo, porque Maria está sempre com seu adorável Filho ou nos braços ou no coração”*.

Bibliografia:

Catecismo da Igreja Católica. São Paulo: Edição típica Vaticana, Loyola, 2000.

FURET, Jean-Baptiste. Vida de São Marcelino José Bento Champagnat. São Paulo: Loyola: SIMAR, 1999.

LANFREY, André. A Boa Mãe e a Virgem do Voto. Cadernos Maristas, Roma, Itália, nº 30, p. 63-81, fevereiro, 2012.

STROBINO, Ivo. Três expressões marianas nas Cartas de Marcelino Champagnat. Brasília [2011]. No prelo.

³ Os Maristas do Brasil celebram Nossa Senhora Boa Mãe, anualmente, no dia 04 do mês de maio, conforme decisão da UMBRASIL, datada de fevereiro de 2024.

⁴ Catecismo da Igreja Católica, nº 1162